

# Esquerda faz o jogo do Governo

O deputado Ulysses Guimarães fez ontem todos os esforços a fim de que o "Centrão" e os partidos de esquerda chegassem a um acordo em torno de pontos do regimento interno da Constituinte que ainda não foram votados. Há diversos grupos, de direita e de esquerda, interessados em protelar a Constituinte. Como existem também os que não lamentariam se ela chegasse a um impasse irremediável. O acordo tentado por Ulysses só não se celebrou devido à intransigência dos dois partidos de esquerda, o PT e o PC do B. O deputado Brandão Monteiro, líder do PDT, estava inclinado a aceitar o entendimento, o que não fez em virtude da posição de intransigência do PT e do PC do B. Com essa atitude o PT e o PC do B — segundo interpretação de círculos políticos da esquerda do PMDB — estariam indiretamente fazendo o jogo político dos grupos mais ortodoxos da direita do "Centrão". A propósito, o deputado Plínio de Arruda Sampaio, do PT, conversando com Jorge Hage, da corrente de esquerda do PMDB conhecida como MUP, confessou-lhe que com a postura política dura que estava assumindo seu partido pretendia provocar um confronto político direto entre a esquerda e a direita. Com isso, de acordo com o raciocínio do parlamentar do PT, as esquerdas tencionam submeter a direita a um processo de desgaste profundo junto à opinião pública.

Mas com ou sem intenção, as esquerdas, com a tática agora adotada, atenderam às conveniências políticas de grupos do "Centrão" e do próprio Governo. Traduzindo a questão em miúdos: para o Governo quanto mais demorar a Constituinte, melhor para ele. Tanto assim que determinadas lideranças do "Centrão"

confessam ter recebido instruções para endurecer o jogo da negociação política com as esquerdas. Segundo estrategistas políticos do Planalto, se a Constituinte terminar suas atividades no segundo semestre, lá para outubro, a campanha em favor da redução para quatro anos do mandato de Sarney cairia no vazio. Não seria preciso a Sarney fazer qualquer esforço para que caia em seu colo o mandato de cinco anos. Promulgada a nova Constituição em outubro, não haveria tempo útil para desenvolver uma campanha demorada como a que exige uma eleição presidencial, em que os candidatos são obrigados a percorrer o país a fim de expor ao povo suas idéias e intenções políticas.

## Figueiredo e Brizola

O ex-ministro César Cals, respondendo a pergunta de um jornalista, diz que nas próximas eleições presidenciais, se no segundo escrutínio chegarem como candidatos à reta final o ex-governador Leonel Brizola e um candidato de esquerda como o senador Mário Covas, o ex-presidente João Figueiredo, de acordo com sua opinião, optaria pelo primeiro. César Cals parte da premissa de que Brizola é mais um caudilho político típico do Rio Grande do Sul do que um líder caracterizadamente de esquerda.

O ex-ministro César Cals explicou longamente a um pequeno grupo de jornalistas as razões que levaram o ex-presidente Figueiredo a reintroduzir-se no cenário político. Contou que em julho passado, um grupo de personalidades civis e militares reuniu-se num churrasco, preocupado com a situação geral do País e com o avanço político das esquerdas. Chegaram à conclusão de que era preciso organizar o cen-

tro e os conservadores, a fim de que fizessem face às esquerdas, mas tudo dentro das regras do jogo democrático. Mas para dar eco às suas palavras o grupo em questão entendeu que precisava ter como porta-voz uma personalidade de dimensão nacional, cujas palavras alcançassem repercussão junto à opinião pública. Escolheram para essa missão o general Figueiredo, o qual relutou antes de aceitar a proposta que lhe foi dirigida na ocasião.

A partir de então, Figueiredo fez uma série de pronunciamentos. Chegou a lançar manifesto, que o presidente Sarney identificou na ocasião como peça de uma engrenagem destinada a desestabilizar seu Governo. Hoje, segundo César Cals, o próprio Sarney estaria convencido do contrário, pois o manifesto foi preparado com o propósito de solidificar o processo de transição democrática.

Para o ex-ministro as forças de centro e conservadoras na sucessão presidencial devem se unir em torno de um nome que tenha condições de vencer a disputa. Na ocasião oportuna o assunto deve ser decidido. O candidato, de acordo com César Cals, tanto pode ser Figueiredo como outro qualquer. As circunstâncias políticas é que ditarão a escolha do nome do candidato.

## Cabeça e corda

Do deputado José Genoíno, do PT, dando as razões pelas quais seu partido recusou o acordo proposto ontem pelo "Centrão":

— Nós entraríamos com a cabeça e eles com a corda...

No PMDB de Pernambuco já estaria tudo acordado entre suas principais lideranças: o deputado Fernando Lyra será candidato a prefeito do Recife, na sucessão de Jarbas Vasconcellos.